

CEDI - P. I. B.
DATA 15, 04, 1976
COD 035-197

NOTAS HISTÓRICAS SOBRE A
MISSÃO BENEDITINA
DO RIO BRANCO (atual Território de Roraima)

por Dom Alcúine MMeyer O.S.B.

± 1976

Arquivo Mosteiro S. Bento
seção Monacais

U. I. O. G. D. E. B. V. M.

NOTAS HISTÓRICAS SOBRE A
MISSÃO BENEDITINA do Rio Branco
(atual Território do Roraima).

Antecedentes: cf. apontamentos já publicados;

Até ao século XVIII não há vestígio de evangelização no Rio Branco. Em 1725 chegaram os primeiros missionários, Padres Carmelitas, vindos do Rio Negro, e estabeleceram diversas missões, formando, ou talvez já encontrando, vários aldeamentos de índios a que deram os nomes de: Carmo, Santa Maria, S. Felipe, Conceição. Estes povoados, com exceção do Carmo, foram mais tarde, em 1788, completamente destruídos quando numa insurreição esses índios massacraram os soldados do governo no lugar que ainda hoje conserva o nome de "Praia do Sangue". Santa Maria foi restaurada depois em outro povoado: Santa Maria Nova. Hoje nada mais existe desses povoados, e de toda a missão dos Carmelitas só ficaram as denominações dos respectivos lugares.

Em 1788 teria havido uma invasão de espanhóis (?).

As primeiras notícias autênticas do ministério eclesiástico, exercido no Rio Branco em forma mais ou menos regular, acham-se nos livros de batismos e casamentos desde 1840. Esse ministério era então confiado a Missionários Apostólicos. Nesta qualidade o exerceu de 1840 a 1850 Frei José dos Santos Inocentes; de 1850 a 1856 Frei Gregório José Maria de Bene, Capuchinho; de 1856 a 1858 Frei Joaquim do Espírito Santo Dias Silva. Em 1856 esteve no Rio Branco, exercendo o ministério o Padre Manuel de Cupertino Salgado, Vigário de Taupessaçu, o que parece indicar ter sido considerado este território como pertencente àquela paróquia do Rio Negro. Em 1859 aparece nos livros o nome de Frei Samuel Luciani que se assina: Vigário inêrino. Depois de uma lacuna de quasi 30 anos registram-se de novo Missionários Apostólicos, a saber: os Franciscanos: Frei Mateus Canioni e Iluminato José Cappi. Só em 1892 foi fundada a paróquia de Nossa Senhora do Carmo de Boa Vista, sendo o seu primeiro Vigário o Conego José Henrique Feliz da Cruz Dacia. Já no ano seguinte foi substituído este Vigário pelo Padre Manuel Furtado de Figueiredo, o qual, embora já idoso e doente, administrou a paróquia até 1909, ano em que foi criada a Prelazia.

Os começos da Missão Beneditina:

Em 1909, pois, foi criada por Constituição Apostólica a Missão Beneditina do Rio Branco, sendo desmembrada da Diocese de Manaus toda a circunscrição que veio a ter o nome de Prelazia do Rio Branco. Compreende esta circunscrição a parte ocidental toda da bacia hidrográfica do Rio Branco e uma boa porção da parte oriental, limitada esta pelo "talweg" dos

D. J. M.

rios Maú, Tacutú contra a Goiana Inglesa. Sendo propriamente habitada apenas ao longo dos rios principais e do curso inferior dos afluentes destes, como, outrossim, na região campina (savana) do Nordeste abrange o território vastas extensões da mata virgem a serem ainda exploradas ocupando as mesmas cerca de quatro quintos da área total.

O demarcado território foi confiado, a título de território de "Abadia Nullius" à Abadia de São Bento no Rio de Janeiro porque o então abade (Dom Gerardo van Caloen, da nobreza belga, mais tarde Bispo Arquiepiscopo) redijia à Santa Sé lhe fosse adjudicada aquela missão. A execução solene da respectiva Bula pelo então Núncio Apostólico Mons. Bagny foi efetuada na Igreja do Mosteiro de São Bento no Rio de Janeiro em 21 de março de 1909. Logo no mês seguinte partiu a primeira expedição constante de 4 sacerdotes e 2 irmãos leigos: D. Acário Demuynek (belga) como Vigário geral e superior local, D. Beda Goppert (alemão), D. Boaventura Barbier (belga), D. Adalberto Kaufmehl (alemão), Ir. Gaspar Elsenbusch e Ir. Isidoro Todos falecidos. Estes missionários chegaram a Boa Vista em 7 de junho a 1 hora da manhã. Os novos missionários, querendo estabelecer-se em Boa Vista, alugaram para tal fim uma casa da "Vila" que naquele tempo não tinha a importância que hoje possui, e adquiriram um modesto sítio, não muito afastado da localidade denominada "Calungá", sítio este que ainda hoje faz parte da Missão. Neste centro o raio de ação devia estender-se cada vez mais. Poucos meses após a chegada dos Beneditinos declarou-se uma espécie de perseguição contra os Missionários, provocada por um lamentável choque de melindres que pôs em perigo até a vida dos monges. Não podendo permanecer em Boa Vista retiraram-se provisoriamente para "Capela", fazenda situada à margem direita do Rio Branco justamente no ponto da formação desta pela confluência dos rios Uraricoera e Tacutú. Aí encontraram boa acolhida e proteção da parte de amigos da ordem. E daí eles empreenderam uma fundação nas margens do Alto Surumú no centro duma zona habitada por índios. Foi ali que começou a cristianização metódica dos selvícolas, os quais demonstraram grande confiança e afeição aos padres. A fundação desenvolveu-se bem e florescia. O conhecido etnólogo alemão Dr. Theodor Koch-Gruenberg visitou em 1911 esse pequeno centro de cultura, situado no meio da floresta e consagrou-lhe um capítulo especial no 1º volume da sua grande obra "Vom Roroima zum Orinoco" (do Roroima ao Orinoco). Este capítulo é intitulado "Dreizehnlinden am oberen Surumú". Diversas circunstâncias obrigaram os missionários a abandonar aquela Missão. Dois padres (D. Acario e D. Beda) adoeceram gravemente e na sua ida ao Rio de Janeiro passando pela cidade de Belém do Pará, morreram ambos de febre amarela. Mais tarde também D. Adalberto viu-se forçado a deixar o Rio Branco por motivo de moléstia. Foi em fins de 1912.

Depois de repetidas vicissitudes estabeleceram-se os missionários, reduzidos em número, apenas dois padres e dois irmãos leigos, em "Serra Grande" algumas horas de viagem abaixo de Boa Vista, do outro lado do rio. De lá os sacerdotes (D. Boaventura Barbier e D. Boaventura Schwarz) realizavam revezando viagens de desobriga. Na dita Missão mantinham uma escola para os índios, tra-

Z. M.

tavam da lavoura, etc. O fundador da missão teve que renunciar ao seu cargo de Abade do Rio e Arquiabade da Congregação beneditina brasileira; fato este que se deu no ano de 1915. Provisoriamente ele transferiu a sua residência para Capela, Caomó, Boa Vista e, outra vez, Serra Grande, para afinal pedir a sua demissão também como Superior da missão. Assim o Rio Branco ficou mais ou menos entregue à sua sorte por alguns anos. Daparte da Abadia do Rio de Janeiro foram feitas várias tentativas no sentido de entregar aquela missão a outra congregação religiosa. Mas, não sendo possível encontrar alguma congregação de missionários que se interessasse pelo Rio Branco, a Abadia viu-se obrigada a continuar na sua direção.

Anos de reorganização, revezes e consolidação:

No ano de 1921 foram tomadas novas medidas em prol da missão, entrando ela assim no mesmo ano numa nova fase de sua existência. O Abade D. Pedro Eggerath começou a interessar-se vivamente pelo Rio Branco, depois de ter recebido da Santa Sé instruções formais no sentido de cuidar da missão. Novas forças foram enviadas: D. Ildefonso Deigendesch como Superior e Vigário geral, D. Bento Eisenhart, D. Odilon Hammer (e outros?) e o centro da atividade religiosa foi transferido novamente para Boa Vista, que se tinha desenvolvido bastante nos anos anteriores, chegando a formar uma população de quasi 2000 almas. As perseguições de 1909 já tinham cessado desde muito e até a lembrança daqueles tempos tristes estava quasi totalmente extinta; os inimigos de então tinham se transformado quasi em amigos ou ao menos a opinião pública e a orientação dos governos estadual e federal, favoráveis à religião, os obrigava ao silêncio. Foi comprada uma casa em Boa Vista e a residência foi transferida da Serra Grande para ali.

No mesmo tempo iniciou-se a construção duma escola para os índios. Além disto foi alugada uma casa para Irmãs. Em 1922 vieram as primeiras Irmãs Missionárias da Congregação das Irmãs missionárias beneditinas de Tutzing (Baviera). Em 1923 veio outra turma e o mesmo ano trouxe a primeira visita do Prelado, o qual imediatamente se entusiasmou pela missão do Rio Branco e elaborou diversos projetos que deviam realizar-se dentro em breve. Em 1924 deu-se a segunda e última viagem do ilustre Prelado, sendo nessa viagem acompanhado por novos auxiliares Padres e Irmão. Em substituição de D. Ildefonso veio como Prior e Vigário geral D. Odilão Munding e com ele D. Antonio Salvini, ambos grandes padres e missionarios. D. Odilão pôde exercer o cargo de superior até 1932 quando enfermo teve de retirar-se para o Rio de Janeiro. D. Antonio pôde permanecer 8 anos e só deixou a missão pro motivo de ictericia quasi fatal que obrigou a voltar para mosteiro do Rio. Surgiram novos projetos e começou-se a sua realização com demasiada precipitação. Devia ser construído um hospital e depois ao mesmo tempo casas definitivas para os Padres e as Irmãs e além disso alguns edificios escolares. Infelizmente as possibilidades financeiras não estavam de ac'rd com tantas construções e instalações que são particularmente dispendiosas nesta região. A Abadia devia custear todas as

LAM

despesas. Além disso D. Abade teve a infeliz idéia (Na melhor das intenções e para obter quanto antes um patrimônio próprio para a missão) de fundar uma empresa industrial em grande escala fazendo despesas demasiadas em caritais e pessoal estranho. O resultado não correspondeu nem de longe às expectativas, mas antes causou graves prejuizos que ainda mais aumentaram a crise financeira em que se encontrava a Abadia. A demais não pôde resistir a saúde ferrea de Sua Revma. aos esforços inauditos. Por este motivo e devido às especulações malogradas foi obrigado a renunciar em 1929. Entretanto, durante toda esta época de peripécias a missão como tal não deixou de desenvolver-se austeramente. Foram realizadas diversas obras de grande importância. A igreja matriz que ameaçava ruir foi restaurada, i. é completamente remodelada pelo Prior D. Odilon Munding e o infatigável mestre de obras Irmão Gaspar. Dom Odilon naquele tempo chefiava a missão com muita competência e devido a ele e a colaboração do citado irmão leigo, esta casa de Deus transformou-se num templo belo e imponente.

Concluiu-se a construção bastante dispensiosa do novo hospital que hoje é um edifício espaçoso e lindo. Não serve, porém, de hospital, mas sim, desde 1929, como residência dos padres os quais até então moravam em duas casas velhas, verdadeiras taperas, cobertas de palha e de folhas de zinco. Esta morada modesta teria servido muito bem; mas os tais dois barracões careciam ultimamente de consertos urgentes enquanto o edifício novo situado no mesmo terreno, devia servir para um fim qualquer. Como hospital ele era por enquanto demasiadamente grande para as necessidades locais e além disto não era possível arranjar a mobília necessária. Serve de hospital a casa construída anos antes ao lado da escola, e isto tanto melhor desde que ela tem sido remodelada, aumentada e convenientemente instalada. As ven. Madres resusaram-se a morar no novo e vasto edifício e por motivo justo, pois acha-se o mesmo bastante afastado da igreja, da escola e do hospital atual. Desta forma não restava outro meio senão destiná-lo para a residência dos padres, ainda que eles se teriam contentado com ~~uma~~ casa mais modesta. Entretanto vuderam as Irmãs, indispensáveis auxiliares da missão, transferir-se da antiga casa alugada para a nova construção agora terminada, junto aos edifícios da escola e do hospital. O prédio escolar fora edificado em 1923, mais tarde ampliado e corresponde a todas as exigências.

Terceira e ^{peu} última fase:

As ocorrências do fim do decênio passado acima apontadas, tiveram finalmente por consequência o desligamento da Missão do Rio Branco da Abadia do Rio de Janeiro e a constituição da Missão em Priorato conventual independente, sob a administração de Dom Lourenço Zeller, Bispo titular de Doriléia e Arquiabade da Congregação Beneditina Brasileira, fato que se deu ~~no~~ ~~de~~ ~~decênio~~ ~~seguinte~~ (1940 ...). Com isto a Missão entrou na terceira fase da sua existência. Sejam assinados os seguintes dados.

Ch. M.

Em Boa Vista havia um belo movimento religioso com o Apostolado do S. Coração de Jesus, Congregação das Filhas de Maria, etc. Desde 1937 era zeloso vigário D. Fidelis Widmer, que deixou o cargo apenas quando da transferência da missão aos nossos sucessores, os Padres da Consolata.

O hospital, muito bem instalado, e administrado pelas Madres Benditas, que viviam e trabalhavam com uma dedicação a toda prova, no ensino, na catequese, no serviço hospitalar, em todos os misteres enfim duma missão, verdadeiras heroínas do bem. Como já dito, eram auxiliares indispensáveis dos padres e irmãos, e cuidavam do seu bem-estar material, cozinha, lavagem de roupa etc. etc. Além disso algumas Irmãs visitavam, sobretudo durante as férias escolares, certos lugares do interior mais acessíveis, devotando-se à catequese do povo, dos caboclos, p. ex. uraricoanas, nas malocas de Taboa Lascada e Serra da Malacacheta, algumas horas retiradas da margem esquerda do rio principal. Mas também em poucos pontos do Rio Uraricoera, na Serra do Murupú e na do Taiano. Em todos esses lugares havia capelas rústicas e barracas que serviam de habitação às Madres, de escola, em que ensinavam as primeiras letras:

Quanto ao hospital merece menção especial o Dr. D. Vicente de Oliveira Ribeiro, que dedicou três anos do seu tão profícuo trabalho de sacerdote e médico à Missão, com enorme proveito para a população de Boa Vista e mesmo em parte à do interior. Igualmente merece ser citada como benfeitora especial a Rev. Madre Radegundes, que desde 1923 (salvo engano) até 1948 prestou incalculáveis serviços como enfermeira de enorme prática e jeito.

No interior, o serviço religioso era feito pelos padres em viagens de desobriga, penosas, difíceis, demoradas, devido às distâncias e o esfacelamento da população.

De permeio às fazendas e povoados dos brancos vivem os caboclos ou índios em grande parte já civilizados das diversas tribos dos grupos dos Caribás e dos Aruacá sem citar os índios ainda selvagens nas regiões mais afastadas e mal acessíveis. Estas tribos e outras foram catequizadas pelos missionários beneditinos que, com a possível regularidade, de tempos em tempos, visitavam as malocas dos índios ministrando-lhes o ensinamento cristão e levando aos mesmos algum conforto espiritual e material.

Em Boa Vista havia, além da matriz de N. Sra. do Carmo, a capela de S. Sebastião e diversos oratórios: o da casa dos Padres, o da casa das Madres e a capelinha de N. Sra. dos Índios em Calungá. Em outros lugares existiam várias capelas, ex. gr. em Caracarái, na fazenda Nacional de São Marcos na confluência dos Rios Uraricoera e Tacutú que formam o Rio Branco. Há a menção ainda uma série de capelas rústicas construídas pelos próprios índios ou caboclos, p. ex. na maloca do Barro no Rio Surumú, na do Maturuca no alto Rio Maú, na maloca da Raposa no Rio Tacutú e algumas mais. Já foram também citadas as capelas da Taboa Lascada, Malacacheta bem como as do Murupú e do Taiano no Rio Uraricoera, nos quais lugares as Madres catequizam, nas férias, o pessoal (e ensinam as crianças as primeiras letras).

Quarta e ultima fase:

O Prelado Dom Lourenço Zeller fez 2 ou 3 (duas ou três) viagens ao Rio Branco (não estou bem lembrado). A primeira em 1940(?) Tracia então o austríaco D. Mauro Wirth, que fizera um curso especializado de literatura na universidade de Viena. Meditou-se ao estudo da língua uapixana (do grupo Aruaca) e em S. Paulo publicou lendas nessa língua. Em 1945, P. Zeller, desejando celebrar o jubileu aureo de profissão monástica no Rio de Janeiro, embora sentindo-se enfermo, contra o conselho nosso, empreendeu a viagem para o Sul por via fluvial e morreu em Belem do Pará em circunstâncias não esclarecidas. Seu corpo foi buscado e transferido em avião para o Rio, onde está sepultado no claustro do Mosteiro de São Bento. Sua morte ocorreu a 18 de setembro de 1945. Com o falecimento de Dom Zeller, a Missão tornou-se acéfala e quem ficou responsável por sua futura sorte foi o novo Arquiabade, D. Placido Staeb, abade do Mosteiro de S. Bento da Bahia (Salvador). Este tratou de desfazer-se da indesejada incumbência procurando entregar a missão a uma Congregação missionária moderna. Aceitou-a a Congregação da Consolata sob a condição de ter de entregar tudo de mão beijada, como se diz. E foi o que se deu em 1948, meados do ano. Ainda faziam parte da missão beneditina na ocasião da mudança: 15 Madres, 5 padres e o irmão leigo Crispim. Prior e Vigário geral era (pela segunda vez) desde 1932 até o final o monge exemplar D. Ildefonso. De padres havia D. Alcuino, D. Fidelis, D. Canísio no Calungá e D. Atanaásio Aguiar como secretário de educação do governo territorial do Roraima que ficou até 1949. Este e D. Vicente foram os únicos brasileiros. Entre as Madres havia várias de nacionalidade brasileira, o restante alemãs.

Escapa à finalidade destas notas citar todos os nomes de missionários (Padres, Irmãos leigos, Madres) que devotaram, por muito ou por pouco tempo, seus esforços ao desenvolvimento da missão. A maioria deles já estão na eternidade. Muitos aguardam a ressurreição no cemitério de Boa Vista. Assim; D. Bento Eisenhart, Ir. Gaspar, Ir. Severino Schmitt, várias Irmãs Beneditinas, vitimados por febre perniciososa ou semelhante R. I. P. Grande deverá ser sua glória no céu. No claustro do Mosteiro de S. Bento do Rio jazem os restos mortais de vários antigos missionários, como D. Ildefonso, D. Odilon Munding, D. Lambert Brauhn, S. Boaventura Schwartz, Ir. Crispim, Ir. João Bat. von Lackum. Faleceram várias antigas missionárias em Pernambuco, outras em Sorocaba etc. R. I. P.

O excelente Irmão Bartolomeu Peherstorfer, austríaco, veterano da 1ª guerra mundial serviu heroicamente no sítio de Calungá desde 1927 até sua morte em 6 de nov. de 1942, vítima de enxurrada súbita do igarapé de Caxangá que o trouxe quando de regresso da S. Missa dominical em B. V.

De todos os missionários quem aguentou mais tempo foi o Ir. Gaspar, desde o início de 1909 até seu falecimento ocorrido na Semana Santa de abril de 1943 no hospital de B. V. - Era um religioso extraordinário, sempre alegre e de bom humor; infatigável operário, artista, mestre de obras e pau para toda obra, como se diz. R. I. P.

Rio - 31. III - 1970 (+)

D. Alvarino Meyer O.S.B.